

Contribuições de Beatriz Nascimento para a compreensão da mulher negra no mercado de trabalho

Juliana Coelho Lima Gac

(Doutoranda na Universidade Presbiteriana Mackenzie, Bolsista CAPES-Prosuc)

Resumo: Maria Beatriz Nascimento, historiadora brasileira, analisou as relações raciais no Brasil com foco decolonial e interseccional. Este estudo aborda sua obra "A mulher negra no mercado de trabalho" (1976), destacando a permanência das desigualdades enfrentadas por mulheres negras, possui como objetivo central demonstrar a importância de continuar estudando intérpretes negras brasileiras para que nos próximos cinquenta anos o papel da mulher negra no mercado de trabalho não se mantenha praticamente inalterado como nos últimos cinquenta. Utiliza-se de análise bibliográfica e dados do IBGE e DIEESE, como metodologia. O artigo reflete sobre como intelectuais negras do passado, como Nascimento, são essenciais para compreender e transformar o cenário atual.

Palavras-chave: Mulher negra; Mercado de trabalho; Interseccionalidade; Decolonialidade; Beatriz Nascimento.

1 Introdução

Maria Beatriz Nascimento, historiadora brasileira, realizou profundas reflexões sobre as relações raciais no Brasil entre as décadas de 1970 e 1990. Embora tenha falecido em 1995, há quase 30 anos, seu pensamento continua relevante e atual na medida em que se utilizava de teoria decoloniais e interseccionais, como será abordado durante este texto.

A autora possui grande produção na temática quilombola, sobre o movimento negro e relações raciais, concentrados especialmente nos livros: "Beatriz Nascimento: Quilombola e intelectual", publicado em 2018, "Uma História Feita por Mãos Negras: Relações raciais, quilombos e movimentos", publicado em 2021 e "O Negro Visto por Ele Mesmo: Ensaio, entrevistas e prosa", publicado em 2022.

Como pode-se observar pela data das publicações, está havendo um resgate e valorização da obra da historiadora recentemente, o que deve ser comemorado pela importância das temáticas tratadas.

O presente artigo abordará a chave de análise de Beatriz Nascimento acerca da mulher negra no mercado de trabalho. Os conceitos discutidos, que serão aprofundados em momento oportuno, foram extraídos, especialmente, de seu artigo "A mulher negra no mercado de trabalho", publicado originalmente em 1976. Embora seja um texto curto, ele se destaca por estar na vanguarda da análise sobre o que significava e ainda significa ser uma mulher negra no Brasil, com foco no campo do trabalho.

Ressalta-se que o resgate de uma obra dos anos 70 se justifica pelo fato de que a realidade apontada pela autora pouco mudou desde o ano em que esta escreveu seu artigo.

Nesse sentido, o texto busca avaliar como problema de pesquisa como a utilização de autoras negras do século passado ainda podem ser úteis para compreender a realidade atual das mulheres negras no mercado de trabalho.

O artigo visa, ainda, como objetivo demonstrar a importância de continuar estudando intérpretes como Beatriz Nascimento para que nos próximos cinquenta anos o papel da mulher negra no mercado de trabalho não se mantenha praticamente inalterado como nos últimos cinquenta.

A metodologia deste estudo será baseada em análise bibliográfica, focando na produção de Maria Beatriz Nascimento e em dados de fontes primárias, como pesquisas do IBGE e DIEESE, que ajudem a compreender a situação atual da mulher negra no mercado de trabalho. Para que se possa realizar uma reflexão crítica acerca da temática, sem pretender exaurir todos os tópicos que se relacionam com o trabalho da mulher negra.

2 O pensamento de Beatriz Nascimento: decolonialidade e interseccionalidade

Beatriz Nascimento, como uma mulher negra e quilombola, oferece uma perspectiva única sobre o tratamento das mulheres negras na sociedade, especialmente no mercado de trabalho.

Esta autora possui pioneirismo ao tratar da temática das mulheres negras já nos anos 1970.

Nascimento discute assuntos como a permanência da mulher negra em posições subalternas e desvalorizadas, desigualdades de raça e gênero e racismo.

Importante ressaltar que a historiadora traz reflexões relevantes não apenas sobre mercado de trabalho, mas também sobre as desigualdades presentes na vida das mulheres negras desde a infância, especialmente no ambiente escolar, o que dificulta que as mulheres negras permaneçam e continuem nestes espaços. No artigo “Acerca da Consciência Racial” (Nascimento, 2018), Nascimento narra sobre apelidos racistas utilizados por outras crianças na época de escola e como se refugiava nos livros, mas que nem todas as meninas negras possuíam a mesmas oportunidades de fugir da pobreza e miséria por meio da educação, como ela teve.

Ela destaca como “educação é um requisito para o acesso às melhores ocupações nas hierarquias de emprego” (Nascimento, 2021, p. 54) Na medida em que as mulheres negras são excluídas desde a infância dos espaços de educação, estas ficam restritas à base da sociedade brasileira.

Outro ponto importante trazido pela autora, é o fato de a herança do período escravocrata possuir consequências centrais na vida das pessoas negras, especialmente das mulheres.

A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, desse modo, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A “herança escravocrata” sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora, grosso modo, não muda muito. (Nascimento, 2021, p. 53)

A mulher negra continua sendo utilizada como mão de obra não qualificada (Nascimento, 2021), como um reflexo direto de seu papel desde a escravidão, em que esta possuía um papel tanto de servidão na casa grande, como em serviços braçais na lavoura, jamais com tarefas intelectuais e alto prestígio social.

A mulher negra é “quem desempenha, em sua maioria, os serviços domésticos, os serviços em empresas públicas e privadas recompensados por baixíssimas remunerações. São de fato empregos em que as relações de trabalho evocam as mesmas relações da escravocracia.” (Nascimento, 2021, p. 227)

No mesmo sentido, a autora Lélia Gonzalez destaca que “O termo ‘doméstica’ abrange uma série de atividades que marcam seu ‘lugar natural’: empregada doméstica, merendeira na rede escolar, servente nos supermercados, na rede hospitalar etc.” (Gonzalez, 2020, p. 36).

Para além das heranças da escravidão, Beatriz Nascimento trata de como os mecanismos de dominação, como classe, raça e gênero, afetam as populações negras. “O critério racial constitui um desses mecanismos de seleção, fazendo com que as pessoas negras sejam relegadas aos lugares mais baixos da hierarquia, através da discriminação.” (Nascimento, 2021, p. 53) Destacando como a maioria destas pessoas fica à parte das riquezas sociais que elas mesmas produziram (Nascimento, 2021).

Outro tópico relevante é o modo como o estigma afeta as pessoas negras. “Que confunde seu ser com a miséria e a pobreza, o obscurantismo que impedem que ele, enquanto grupo racial, esteja com toda a sua potencialidade na sociedade da qual é um dos polos” (Nascimento, 2018, p. 377).

Observa-se como Beatriz Nascimento relaciona a dinâmica do sistema econômico e as estruturas de dominação presentes na sociedade ao local social ocupado pelas mulheres negras, o que se pode considerar uma análise materialista da sociedade.

Ademais, esta se utiliza de pensamentos decoloniais ao discutir acerca da necessidade de se pensar o Brasil por óticas próprias e não importar teorias, como comumente é realizado. Como historiadora, Nascimento analisa o cenário em que se inserem as mulheres com uma análise da história.

Há, ainda, o que pode ser chamado de pensamento interseccional nos textos da autora, na medida em que essa analisa as imbricações da raça, classe e gênero no mercado de trabalho e nas vivências das mulheres negras. A autora destaca que “não há a noção de paridade sexual entre ela e os elementos do sexo masculino.” (Nascimento, 2021, p. 227).

É enfatizado nos textos de Beatriz Nascimento como raça, gênero e classe, de modo conjunto, influenciaram em sua sociabilização e influenciam na vivência e local que é relegado às mulheres negras.

Nota-se a atualidade destes escritos na medida em que a autora pensa sobre essas interações antes mesmo da criação oficial da teoria da interseccionalidade e de Kimberlè Crenshaw nomeá-la deste modo nos anos 1990.

3 A mulher negra no mercado de trabalho

Assim como Beatriz Nascimento, o presente artigo pretende “estabelecer o que há de continuidade entre o passado e o presente do negro no Brasil” (Nascimento, 2018, p. 98).

Como tratado no tópico anterior, no passado, as mulheres negras exerciam trabalhos com baixa remuneração e em geral eram vistas como empregadas domésticas.

Atualmente as mulheres negras continuam sendo maioria nos postos de trabalho menos valorizados. De acordo com pesquisa do DIEESE, produzida em 2023, 67,3% das trabalhadoras domésticas no Brasil eram mulheres negras (DIEESE, 2023).

Além disso, as pessoas negras são a maioria nas atividades de agropecuária, correspondendo a 60,7% e da construção civil, são 64,1% destes trabalhadores (IBGE, 2021). Estas atividades são caracterizadas pelos baixos salários, baixa complexidade intelectual, baixa necessidade de qualificação profissional e desvalorização frente a trabalhos acadêmicos.

Há, também, uma clara continuidade e similaridade com as atividades que eram realizadas pelas pessoas negras na época da escravidão. Isto, pois, os papéis sociais estão pautados em divisões de raça e gênero derivadas na colonização (Quijano, 2005).

Pode-se observar, a continuidade das mulheres negras nos postos de menor prestígio social e que se encontram na base da pirâmide social. Como dito por Beatriz Nascimento, “se a mulher negra hoje permanece ocupando empregos similares aos que ocupava na sociedade colonial, isso se deve tanto ao fato de ela ser uma mulher de raça negra quanto a terem sido escravos seus antepassados.” (Nascimento, 2021, p. 54)

Um dos motivos decorre do fato de que “raça e divisão do trabalho, foram estruturalmente associados e reforçando-se mutuamente” (Quijano, 2005, p. 118). Havendo uma clara divisão racial do trabalho vista na sociedade, como pode se demonstrar pelos breves dados supra apresentados.

Há, ainda, a divisão sexual do trabalho, em que os trabalhos realizados pelas mulheres possuem menor valorização salarial e de prestígio, bem como a divisão de atividades consideradas “femininas”, em geral relacionadas a cuidado e educação e as “masculinas” ligadas a poder, força e liderança (Hirata; Kergoat, 2007).

No caso das mulheres negras, que são afetadas pelas duas formas de opressão, pode-se dizer que estas estão sujeitas à divisão racial do trabalho e à divisão sexual do trabalho

simultaneamente, o que resulta na situação observada por Nascimento nos anos 1970 e nos dias atuais, confirmada pelos dados trazidos acima.

Como este texto pretendeu demonstrar, pouco mudou desde a época analisada pela autora, daí advém a necessidade de se compreender o passado para evitar repetir os erros no futuro e alterá-lo de modo a que as mulheres negras possam exercer a suas potencialidades.

Para isso, torna-se necessário retomar os escritos de autoras que buscavam analisar a situação do Brasil a partir da ótica nacional. Pois estas ofereciam e, ainda oferecem, reflexões que podem auxiliar na compreensão de problemas ainda não solucionados, como a desvalorização das mulheres negras no mercado de trabalho.

Ao se tratar de uma autora negra, como Beatriz Nascimento, que além de acadêmica, era militante da causa negra, sua visão sobre as mulheres negras oferece uma posição privilegiada que reconhece os problemas tanto por seus estudos quanto por suas vivências.

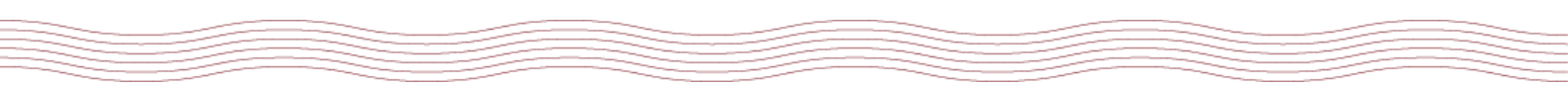
É primordial estudarmos Beatriz Nascimento para que haja mudança no futuro das mulheres negras, com o alcance de equidade e justiça racial para este grupo.

4 Considerações Finais

O presente artigo, ainda que breve, buscou trazer os pensamentos de Beatriz Nascimento, focando no texto “A mulher negra no mercado de trabalho”, especificamente, publicado em 1976. Mas trazendo outros pensamentos da autora, que buscou estudar a condição das pessoas negras na sociedade brasileira, em especial da mulher negra, e trouxe importantes reflexões para este campo de estudo.

Sua compreensão da situação da mulher negra na sociedade e no trabalho era inovadora à época e continua ainda muito atual. A compreensão da hierarquização social a que esta sujeita a mulher negra e o modo como as estruturas de dominação a afetam, especialmente a de raça, classe e gênero, bem como que os efeitos da colonização perduram no tempo, são primordiais para se compreender a situação das mulheres negras atualmente.

A valorização e retomada dos escritos de autoras negras do século passado, como Beatriz Nascimento, favorecem os atuais estudos acerca de raça e gênero. Observar que a situação das mulheres negras pouco se alterou em 50 anos é preocupante e apenas reforça a importância de se debruçar sobre o tema.



Que os textos e as palavras de Beatriz Nascimento nos inspirem a continuarmos estudando e lutando para que a realidade das mulheres negras finalmente se altere e que seja possível atingir a equidade e a justiça social e racial.

Referências

- DIEESE. **Trabalho Doméstico**. São Paulo: DIEESE, 2023. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/infografico/2023/trabalhoDomestico2023.html> Acesso em: 12 jul. 2024.
- IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas Configurações Da Divisão Sexual Do Trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento**: Quilombola e intelectual. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Uma História Feita por Mãos Negras**: Relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- NASCIMENTO, Beatriz Negro. **Visto por Ele Mesmo**: Ensaaios, entrevistas e prosa. São Paulo: Ubu, 2022.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Colección Sur - Sur, CLACSO: Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005, p. 107 -130.